

» Primeiras impressões

Para exercer o “fascínio pela heresia” (Gay, 2009) e executar seu programa de ruptura com os padrões estéticos, sociais e políticos, as vanguardas artísticas do século XX adotaram a noção de infantil como ponto de vista. Uma busca que já ocorrera a partir da pesquisa da arte japonesa desde o impressionismo, do Taiti de Gauguin, das máscaras africanas na pintura cubista de Picasso, e da *arte primitiva* para os expressionistas. A busca pela percepção infantil, do louco e do *primitivo* era chave para a rejeição dos valores ocidentais e para a construção da crítica à modernidade, na tentativa de resgate das perdas por ela imputada.

Contemporâneo destas manifestações, Freud – em outro campo – escutava o que estava exilado nos hospícios e manicômios, compreendendo o sofrimento das pacientes históricas como conflito. É o que o leva a estabelecer o seu pilar epistemológico na noção de *inconsciente* sustentada pelo infantil, conceito que articula pulsão, sexualidade e sua disposição perversa polimorfa, e recalque.

Mas se dermos um salto na história da arte, podemos nos lembrar da artista plástica francesa Louise Bourgeois, cujos trabalhos se centram em suas lembranças da infância. Ela resgata a figura materna em suas esculturas e desenhos de aranhas. E trabalha o aspecto paterno abusivo, particularmente em *A destruição do pai* (Bourgeois, 1974), instalação que cria um banquete canibal onde o pai – violento à mesa dos jantares familiares – é devorado. Portanto, trata-se de uma obra que elabora um ato de destruição a partir da mudança do seu papel passivo para o ativo, como forma de construir outra narrativa para a memória. Para ela, essa obra tem a função de exorcizar o medo: “Quando pude mostrar este medo na obra, senti-me outra pessoa. A obra me transformou. Não queria usar o termo terapêutico, mas decerto foi uma aventura terapêutica” (Bourgeois, 1998/2000, p. 222).

Assim, se o ideário das vanguardas utilizava a percepção infantil para provocar uma ruptura, em Bourgeois temos a

força do infantil em seu aspecto traumático transformada em arte, em discurso estético. O que nos leva à pergunta de Freud (1908/2015): “Não deveríamos procurar os primeiros indícios da atividade poética já nas crianças?” (p. 41).

Como um manancial ou uma mina d’água, a noção de infantil em psicanálise refere a uma operação originária de inscrição, de impressões e registros sensoriais que se organizam em fantasias. Já em 1896, em carta a Fliess, Freud (1896/1969) apresentara a ideia de traços mnêmicos inconscientes que são estruturantes da formação do psiquismo, como uma escrita que não pode ser apagada, e que sucumbe à amnésia. Traços que são inscritos e transcritos continuamente – e neste processo começam a se tornar a escritura particular de cada um. O infantil funciona como a palavra poética, que para Barthes (1953/2004) é prenhe ao mesmo tempo de todas as significações, passadas e futuras, e é fonte de onde saem todas as virtualidades de sentido.

São essas as primeiras impressões que norteiam o *Dossiê*. Elas referem às ideias – ou impressões – que nossos convidados apresentam. E também é reflexão sobre os destinos do infantil em todas as suas possibilidades, que nos posicionam como obra permanentemente em construção.

Ligado ao pulsional, o infantil é simultaneamente origem e devir do sujeito, uma potência em movimento. E como o anacronismo temporal do inconsciente o coloca em cena a todo instante, dependendo das possibilidades ou impossibilidades de simbolização ou representação, ele pode encontrar suas formas em realização criativa ou em destrutividade, como o magma que verte em lava.

Por isso, iniciamos com Yudith Rosenbaum, que trata do jogo das forças construtivas e destrutivas do infantil na obra de Clarice Lispector. Em seguida, Walter Omar Kohan fala sobre as relações entre infantil e filosofia a partir de Sócrates e Jean-François Lyotard. Depois, a partir das ideias de Michel Foucault, Mauro Vallejo discute a natureza do objeto “criança” e o valor que Freud concedeu à infância. E Kirs-

ten Locke trabalha com o conceito de *infans* em Jean-François Lyotard e suas relações com a obra de Freud.

E ainda que, para a psicanálise, o *infantil* difira da noção de *infância*, que se liga a um tempo da realidade histórica ou da história de seu desenvolvimento, pensamos na importância do trabalho que nos apresentam Hugo Brousset e Verónica Díaz, relatando a experiência peruana para a primeira infância, que foi considerada modelo para a América Latina pela Unicef.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

- Barthes, R. (2004). *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Bourgeois, L. (1974). *A destruição do pai* [instalação]. Glenstone Museu <https://www.glenstone.org/artist/louise-bourgeois/>
- Bourgeois, L. (2000). *Destruição do pai. Reconstrução do pai: Escritos e entrevistas 1923-1997*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1998).
- Freud, S. (1969). Extratos de documentos dirigidos a Fliess. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (2015). O poeta e o fantasiar. Em E. Chaves (trad.), *Arte, literatura e os artistas: Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1908).
- Gay, P. (2009). *Modernismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.